

LEIA AGORA

Virada de jogo

As mulheres contra-atacaram e ganharam uma notoriedade jamais vista no futebol. Mas como superar as barreiras e os preconceitos que elas ainda encontram em diversas modalidades e competições esportivas?

skynesher/istockphoto.com



Edição

07

Ago-2019

Copa da visibilidade

Apesar dos desafios, o torneio mundial deste ano bateu recordes de audiência e colocou o futebol feminino em pauta.

Panorama do futebol feminino no Brasil

Elas chegaram a ser proibidas de praticar diversas modalidades esportivas no país. Conheça a luta histórica por representatividade no esporte.

Carreira: Estatística

A análise de dados que contribui para as mais diversas áreas: da economia ao esporte.

Direção-geral

Nicolau Arbex Sarkis

Direção editorial

Sandra Carla Ferreira de Castro

Gerência editorial

Wagner Nicaretta

Gerência de produção editorial

Andréa Cozzolino

Coord. de projeto editorial

Brunna Mayra Vieira da Conceição

Consultoria de desenv. editorial

Caroline Barbosa Lopes do Amaral

Analista editorial

Débora Cristina Guedes

Coord. de licenciamento e iconografia

Leticia Palária de Castro Rocha

Licenciamento

Vitor Hugo Medeiros

Coordenação de edição de texto

Anaiza Castellani Selingardi

Edição de texto

Bruno Freitas, Cláudio Leyria, Edilene Faria, Letícia Dantas e Letícia Paiva

Coordenação de revisão

Carla Vieira Cardoso Egidio

Revisão

Giselle Lourenço, Jéssica Anitelli e Kemi Tanisho

Coordenação de arte

Kleber S. Portela e Leonardo Pires

Projeto gráfico

Willyam Gonçalves

Diagramação

Patrícia Aparecida Monteiro



Nesta edição

5 ENTRELINHAS COPA DA VISIBILIDADE

O torneio mundial deste ano bateu recordes de audiência e colocou o futebol feminino em pauta. Contudo, os desafios para a categoria persistem.

7 CONTEXTO MULHERES NO ATAQUE: UM PANORAMA HISTÓRICO

Elas esperaram décadas para ter liberdade e trocar as arquibancadas pelo campo; hoje, transformam o sonho em conquista de espaço no esporte que é paixão nacional.

10 CARREIRA ESTATÍSTICA

Considerada a melhor profissão dos Estados Unidos em 2017, a Estatística contribui para as mais diversas áreas: da economia ao esporte.

Editorial

Virada de jogo

O Brasil é considerado o país do futebol. Com a paixão por esse esporte, é natural que as crianças o escolham como sua brincadeira favorita e, por que não, seu sonho de carreira. No entanto, se a criança em questão for uma menina, ela terá de enfrentar desafios que vão além do esporte. Para começar, é possível que tenha de provar ser melhor que os garotos para ser escolhida para os times nas brincadeiras. Depois, vem a dificuldade de achar escolinhas que a aceitem. Vencidos esses obstáculos, se quiser persistir no esporte, a menina enfrentará dificuldades para achar um bom time de base, patrocínio, investimentos e outras inúmeras barreiras. Mas esse cenário pode começar a mudar.

Aos poucos, as mulheres estão ocupando diversos lugares que são seus por direito, e, no esporte, isso não é diferente. A Copa do Mundo de Futebol Feminino deste ano mostrou que elas não medem esforços para conquistar representatividade e igualdade de direitos. Com dedicação, talento e determinação exemplares, as mulheres parecem ter colocado o futebol feminino efetivamente em pauta e mostraram que estão mais do que dispostas a lutar por sua carreira e pelos sonhos daquelas que ainda estão começando.

O legado do evento esportivo mundial de 2019 e a jornada das mulheres no esporte são os temas que abordaremos nesta edição do *Leia Agora*. A seção “Entrelinhas” apresenta os níveis de audiência da Copa do Mundo de Futebol Feminino como pano de fundo para discutir as conquistas e os desafios enfrentados por aquelas que escolhem o futebol como carreira. A seção “Contexto” traz um panorama histórico sobre a trajetória das mulheres no futebol brasileiro, desde a torcida nas arquibancadas até o reconhecimento dentro de campo. E, já que estamos discutindo sexismo no esporte, que tal pensarmos também sobre os julgamentos e preconceitos que atingem homens e mulheres que se interessam por modalidades culturalmente relacionadas a um gênero específico? É essa a reflexão que apresentamos na seção “Parêntese”.

Na seção “Carreira”, desvendamos uma profissão que nem todos associam ao futebol: a Estatística. Na resenha do mês, da seção “Mosaico”, conheça o time de futebol feminino que venceu um campeonato contra equipes masculinas e, por fim, veja dicas de filmes, livros e atrações que te darão uma boa base para aprofundar o assunto. Agora a bola está com você. Ótima leitura!

Destaque

Equipe dos EUA confirma favoritismo e é bicampeã do mundo

A seleção feminina dos Estados Unidos venceu neste domingo, em Lyon (França), a seleção holandesa por 2 a 0 e conquistou o bicampeonato consecutivo, quarto título mundial em oito edições de Copa do Mundo. As americanas se igualam às alemãs, que foram bicampeãs em 2003 e 2007. Para as holandesas, foi a melhor campanha numa Copa e o vice-campeonato garante às Leas Laranjas uma vaga nos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 2020. A americana Megan Rapinoe foi o grande nome do jogo e da Copa. Ela foi eleita a melhor jogadora em campo, a melhor jogadora do torneio e ganhou o prêmio de artilheira do mundial.

7 jul. 2019 – Agência Brasil

Brasil perde para França e dá adeus à Copa do Mundo

O Brasil foi derrotado pela França por 2 a 1 na prorrogação e deu adeus à Copa do Mundo de Futebol Feminino. Na partida realizada no estádio Océane, em Le Havre, a equipe brasileira lutou muito e teve sua melhor atuação na competição, mas não foi o suficiente para ultrapassar as oitavas de final. A França começou muito bem. Tomando a iniciativa da partida e criando chances claras, enquanto o Brasil encontrava dificuldades de sair jogando, optando por lançamentos longos. Mas o jogo permaneceu empatado [em 1 a 1] até o final do tempo regulamentar. Na segunda etapa do tempo extra, a França conseguiu fazer 2 a 1.

23 jun. 2019 – Agência Brasil

Patrocinador adere à luta das mulheres pela igualdade de pagamento

Um dos patrocinadores oficiais de times de futebol dos Estados Unidos se alinhou ao time feminino que venceu a Copa do Mundo em sua luta contra a federação por igualdade de remuneração, pedindo que seu parceiro, o organismo regulamentador para o futebol nos Estados Unidos, "fique do lado certo da história". O patrocinador, Procter & Gamble, declarou seu apoio à igualdade de remuneração em um anúncio de página inteira na edição de domingo do *The New York Times*. Esse é o primeiro de mais de uma dezena de parceiros e patrocinadores da equipe a se aliar abertamente a ela na disputa pela igualdade salarial, e o apoio pode aumentar a pressão sobre os funcionários da federação às vésperas das discussões de mediação para tentar resolver o problema no processo federal sobre discriminação de gênero.

16 jul. 2019 – Terra

Marta chama atenção para desigualdade salarial

Ao empatar com o alemão Miroslav Klose no número de gols marcados em Copas do Mundo, Marta lançou a campanha #GoEqual, que chama a atenção para a imensa desigualdade salarial entre homens e mulheres no esporte e em diversas áreas. O texto da campanha diz: "Bola igual. Campo igual. Regras iguais. Se as mulheres jogam futebol da mesma forma que os homens, por que elas não recebem o devido reconhecimento? O devido apoio? A devida remuneração? Equidade é algo pelo qual devemos todas e todos lutar. Afinal, somos iguais". No jogo seguinte, ao ultrapassar Klose e se tornar, sozinha, a maior goleadora em Copas do Mundo, entre homens e mulheres, Marta dedicou o feito a todas as mulheres.

1 jul. 2019 – ONU

**CHECK!
THIS OUT!**

Women's World Cup: US rule and Brazil underachieve

Think of football and quite often Brazil will come to mind as an example of success. But not for the followers of the women's game. While in the men's version the South American country has an enviable collection of five Fifa World Cup titles, it is the United States who are the powerhouse in the female landscape. Out of seven World Cups, the Americans have won three and finished as runner-ups once. They have also won four Olympic gold medals in six attempts. But Brazil's best result in the tournament is a solitary second place in 2007. Without a proper grassroots system and a strong league, the women's team have struggled to gain recognition and access to basic resources.

10 jun 2019

BBC News
LONDON



As notícias foram adaptadas e todos os sites foram acessados em: 16 jul. 2019.



Romain Blard/Shutterstock.com

A atacante e capitã da seleção estadunidense de futebol, Megan Rapinoe, posa com seu troféu Bola de Ouro (melhor jogadora do torneio) na celebração da final do Mundial Feminino de Futebol, na França. Os EUA venceram a Holanda por 2 a 0, no estádio Groupama, em Lyon. Durante os jogos, ela trocou farpas com o presidente Donald Trump e se recusou a fazer a tradicional visita à Casa Branca, a qual ocorre quando um time do país é campeão.

//EM FOCO

Copa da visibilidade

O torneio mundial deste ano bateu recordes de audiência e colocou o futebol feminino em pauta. Contudo, os desafios para a categoria persistem

TEXTO 01

Inicialmente, a FIFA havia previsto atrair a atenção de 1 bilhão de pessoas em 135 países, mas as marcas alcançadas até o momento fazem a entidade recalcular as projeções de forma ainda mais otimista.

[...] o Brasil estabeleceu o novo recorde de audiência da modalidade. Mais de 30 milhões de telespectadores acompanharam a derrota da seleção para as anfitriãs francesas. O número foi impulsionado pela Globo, que pela primeira vez transmitiu o torneio em rede nacional.

PIRES, Breiller. "Audiência da Copa feminina bate recordes pelo mundo". *El País*, 29 jun. 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/29/deportes/1561762967_356406.html>. Acesso em: 18 jul. 2019.

02 TEXTO

O Brasil tem jogadoras talentosas, mas o cenário do futebol feminino é muito diferente do masculino. As atletas sofrem com baixos salários, desinteresse de marcas em investir na modalidade, nenhuma estrutura das equipes de base e falta de profissionalização da categoria.

O público da primeira partida do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino deste ano [2017] foi pequeno. Ao todo, 420 ingressos foram vendidos, rendendo um prejuízo de R\$ 5300. Para se ter ideia, em 2016, o Brasileirão masculino teve uma média de 15293 espectadores pagantes por partida. Mas, no futebol feminino, eventos vazios e pouco interesse do público são fatos corriqueiros.

Em entrevista ao Nexo, Alfredo Carvalho, diretor comercial da Sport Promotion, confirma que apesar da modalidade feminina vir se desenvolvendo nos últimos anos, ainda falta interesse das emissoras abertas e das marcas na modalidade. De acordo com ele, para as marcas investirem em uma modalidade, elas se baseiam em três premissas: preço, prazo e audiência, mas ainda que, segundo ele, o campeonato feminino possa garantir essa tríade, os anunciantes não veem dessa forma.

Além da disparidade salarial entre os jogadores homens e mulheres, os valores das premiações também dificultam o crescimento da modalidade. O campeão do Brasileirão feminino de 2017 receberá, de acordo com a CBF, R\$ 120 mil. Para se ter uma ideia, o 16º colocado do Brasileirão masculino do ano de 2016 recebeu quase seis vezes mais, cerca de R\$ 700 mil. O Palmeiras, então campeão, recebeu R\$ 17 milhões. No total, 141 vezes mais que a premiação feminina.

ALBUQUERQUE, Naiara. "No país do futebol, as mulheres jogam com menos: falta salário, público e estrutura". *Nexo*, 28 maio 2017. Disponível em: <www.nexojornal.com.br/reportagem/2017/05/28/No-pa%C3%ADs-do-futebol-as-mulheres-jogam-com-menos-falta-sal%C3%A1rio-p%C3%ABalico-e-estrutura>. Acesso em: 18 jul. 2019.

TEXTO 03

São exatos 40 anos desde que a prática do futebol feminino, ainda em 1979, foi liberada por lei no Brasil – desde 1941, o decreto-lei 3199, do governo de Getúlio Vargas, proibia a “prática de esportes incompatíveis com a natureza feminina”. Sete anos depois do fim do impedimento, a Seleção Brasileira feminina entrava em campo pela primeira vez, em 1986 – num confronto amistoso com os Estados Unidos. E após décadas de promessas de incentivo, a lei, enfim, se coloca a favor das mulheres no futebol.

A partir deste ano, todos os 20 participantes da Série A do Brasileiro precisarão se enquadrar no Licenciamento de Clubes da Confederação Brasileira de Futebol e, por obrigação, manter um time de futebol feminino – adulto e de base.

ALVES, Camila. "Montar time feminino é exigência para equipes da Série A 2019; veja situação dos clubes". *Globo Esporte*, 4 jan. 2019. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/montar-time-feminino-e-exigencia-para-equipes-da-serie-a-2019-veja-situacao-dos-clubes.ghtml>>. Acesso em: 18 jul. 2019.

Paixão nacional, o futebol é uma das nuances que identificam o povo brasileiro. É difícil encontrar pessoas no país que não tenham sequer uma memória associada ao esporte, seja como espectador ou integrante de uma emocionante partida com os amigos na infância. Assim, a Copa do Mundo de Futebol costuma ser um evento de grandes proporções no Brasil, e todo esforço é válido para assistir aos jogos: as empresas reorganizam o expediente e liberam seus funcionários, há telões espalhados por vários pontos das cidades e tudo parece ser mais festivo. No entanto, quando o assunto são as equipes femininas, a euforia e a visibilidade não costumam ser as mesmas. Embora nomes como Marta, Cristiane, Formiga, Megan Rapinoe e Wendie Renard (entre tantas outras) tenham se destacado no cenário nacional e internacional, elas ainda lutam por igualdade de salários, melhor estrutura e mais investimentos.

A Copa do Mundo de Futebol Feminino deste ano demonstrou o começo de uma mudança ao atingir marcas históricas e bater recordes de audiência em diversos países do mundo, superando até mesmo as expectativas da FIFA. Para se ter ideia do alcance do evento no Brasil, o último jogo da seleção brasileira nesse campeonato – contra as francesas, donas da casa – foi acompanhado por mais de 30 milhões de pessoas, conforme dado apresentado no texto 1. Para analisar o aumento do número de espectadores brasileiros do mundial feminino, é importante considerar que, pela primeira vez, o torneio foi transmitido por dois canais abertos de televisão (Rede Globo e Band).

Na íntegra, a notícia de onde o texto 1 foi retirado aponta um crescimento do interesse pela modalidade em várias outras partes do mundo: a partida que eliminou a Espanha do torneio, por exemplo, contra os Estados Unidos foi vista por mais de 1 milhão de telespectadores espanhóis, estabelecendo-se como o duelo entre equipes femininas mais assistido da história do país. A anfitriã França também registrou dados animadores: o jogo de estreia da seleção no torneio foi sintonizado em mais de 40% dos televisores do país, três vezes mais do que o antigo recorde de audiência em uma competição feminina. Terra das atuais campeãs, os Estados Unidos dobraram os índices alcançados na edição anterior do evento.

Contudo, os desafios persistem. O texto 2 aponta algumas das dificuldades enfrentadas pelas jogadoras brasileiras que decidem encarar o futebol como carreira profissional. O trecho em questão expõe a diferença de investimento entre os times femininos e masculinos. Falta de visibilidade, baixos salários, ausência de patrocínio e até mesmo a inexistência de categorias de base fazem com que jogar futebol profissionalmente seja muito mais desafiador para as mulheres. O texto completo nos mostra que, embora tenhamos profissionais de grande talento, a disparidade entre as categorias ainda é bastante expressiva.

O texto 3 traz duas informações que se relacionam diretamente com o cenário apresentado pelo excerto anterior. A primeira delas é um fato histórico: há pouco mais de 40 anos, foi proibido que mulheres jogassem futebol no país. Embora tenha sido revogada em 1979, ainda enfrentamos seus impactos nos dias de hoje, já que a modalidade feminina demorou para se desenvolver oficialmente e profissionalmente no território nacional. Todavia, o mesmo texto mostra uma iniciativa para tentar reverter a situação: a partir deste ano, por exigência da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), todos os times que disputam a Série A do Campeonato Brasileiro devem manter equipes de futebol feminino (adulto e de base). É esperado que essa nova condição aumente o investimento na profissionalização do esporte e crie oportunidades para mulheres que ainda estão começando e que enfrentam dificuldades até mesmo para achar uma escola de futebol ou um time de base que as aceite.

Procure ler na íntegra os textos apresentados, compare com seus próprios conhecimentos e busque mais informações sobre a questão da mulher no futebol e as ações de incentivo ao esporte feminino adotadas por diferentes países. Então, com base no seu entendimento do assunto, redija um texto dissertativo sobre o tema “Que medidas podem ser tomadas pelo governo, pelos clubes e pela sociedade para favorecer e valorizar a participação feminina no futebol e qual a importância de diminuir a disparidade de investimentos relacionada a gênero no esporte?”. Bom trabalho!

Mulheres no ataque: um panorama histórico do futebol feminino no Brasil

Elas esperaram décadas para ter liberdade e trocar as arquibancadas pelo campo; hoje, transformam o sonho em conquista de espaço no esporte que é paixão nacional

POR SILVANA VILODRE GOELLNER

A Copa do Mundo de Futebol Feminino, realizada na França em 2019, já se tornou um marco para a história das mulheres no esporte. A visibilidade que a competição teve nas redes sociais e na mídia tradicional mostrou que o futebol, apesar de ser comumente associado aos homens, também pertence às mulheres. A inédita transmissão por dois canais abertos brasileiros é uma evidência de que o futebol feminino tem público, audiência e mercado. Ainda assim, para que a modalidade seja amplamente reconhecida e incentivada em nosso país, é necessário maior investimento por parte dos órgãos gestores do futebol, do poder público, dos clubes e da mídia, visto que há muito tempo as mulheres estão presentes nesse esporte e, em grande parte, não são conhecidas nem reconhecidas.



Comemoração de gol do Brasil durante jogo contra a Itália, na Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2019.



Assessoria/CBF

Você sabia que as mulheres participam do futebol desde que ele começou a ser praticado no Brasil, no final do século XIX? Inicialmente, como espectadoras e, em seguida, como praticantes. Aliás, o termo “torcedor” se originou da presença das mulheres nos campos e estádios de futebol, no início do século XX, onde iam trajando vestidos, luvas e chapéus. No decorrer da partida, algumas delas tiravam as luvas e, ao ficarem nervosas com a disputa, torciam-nas. Com isso, passaram a ser designadas como “torcedoras”, palavra que foi culturalmente apropriada pelo vocabulário futebolístico brasileiro.

Como praticantes, foi a partir da década de 1920 que apareceram os primeiros registros de competições entre mulheres, movimento que cresceu na década subsequente com a proliferação de equipes e eventos em várias cidades do país. Apesar de o futebol, na época, ser considerado um esporte violento para a natureza do sexo feminino e para a conformação do corpo das mulheres, identificado como frágil, a modalidade estava conquistando praticantes e espectadores.

Porém, esse crescimento foi interrompido pela força de um pensamento fundamentado em argumentos de cunho biológico, segundo os quais a sua prática poderia prejudicar uma função social que, naquele período, era reconhecida como o destino de toda mulher: a maternidade. Esse pensamento promoveu a criação de

um decreto-lei, assinado pelo presidente Getúlio Vargas, em 1941, que proibia as mulheres de praticar algumas modalidades esportivas, entre elas, o futebol. Tal interdição durou até 1979, ou seja, por quase 40 anos, as mulheres tiveram esse direito cerceado, o que não significa afirmar que abandonaram o futebol, pelo contrário. Elas criaram estratégias para burlar a interdição, realizando jogos beneficentes sem caráter competitivo ou disputando-os como forma de espetáculo em circos e teatros.

O futebol feminino só foi regulamentado em nosso país no ano de 1983. Foi nessa década, mais especificamente em 1988, que a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) convocou a primeira seleção nacional. Essa equipe foi reunida para disputar o I Torneio Internacional de Futebol Feminino, organizado pela Federação Internacional de Futebol (FIFA), na qual o Brasil alcançou a 3ª colocação. Três anos depois, em 1991, aconteceu a primeira Copa do Mundo FIFA de Futebol Feminino, na China, enquanto a primeira competição masculina foi em 1930.

Esses dados são importantes para percebermos o quão diferente é a história do futebol deles e delas. Decorre dessa defasagem histórica o desenvolvimento tardio do futebol feminino, promovendo desigualdades que ainda hoje se fazem presentes, como a diferença entre os recursos destinados para patrocínios, os incentivos, as premiações e os salários, o número de competições, o investimento nas categorias de base, a visibilidade na mídia e a participação de mulheres em cargos técnicos e de gestão.

Em relação ao futebol vivenciado como uma prática de lazer, também há muito a ser conquistado pelas mulheres

em termos de tempo e disponibilidade para a sua prática. A dupla jornada de trabalho – considerando que elas ainda são as principais responsáveis pelas tarefas domésticas e pela criação dos filhos, mesmo que tenham uma profissão e atuem fora de casa – restringe seu tempo de lazer, assim como o das meninas, que muitas vezes são corresponsáveis por esses afazeres. Soma-se a isso a naturalização de que a apropriação dos espaços e equipamentos públicos é privilégio dos homens e que a presença das mulheres em alguns desses locais as colocam em perigo em função da violência urbana e sexual. Na educação escolar, o cenário também se mostra desigual, visto que o futebol muitas vezes não é ofertado como uma modalidade esportiva para ser usufruída pelas alunas, que, não raramente, são incentivadas a aderir a práticas corporais voltadas para a aquisição de representações estéticas que conformam uma dada feminilidade.

Assessoria/CBF



Tamires é a única jogadora da seleção que é mãe e disputou o mundial deste ano.



Museu de Futebol, São Paulo/Governo do Estado de São Paulo/Acervo pessoal Lumaiva Torres de Almeida

Equipe brasileira que participou da primeira Copa do Mundo FIFA de Futebol Feminino, em 1991.

TOQUE DO ESPECIALISTA

POR DANIEL LIPPARELLI FERNANDEZ

A equidade nos espaços públicos

O leitor pode estar pensando: “Por que um homem está escrevendo sobre as limitações dos espaços públicos para as mulheres?”. Primeiramente, ressalto que, para o público feminino, este texto é apenas uma leitura proposta por um especialista em História, mas, para os homens, a intenção é que possam refletir sobre suas atitudes, seja no trabalho, no esporte ou na política, tendo em vista que as mulheres, ainda nos dias de hoje, ocupam um espaço muito reduzido e precisam lutar pelo reconhecimento de sua importância na sociedade.

Então, deveríamos questionar justamente o fato de que, se são espaços públicos – conceito que compreende também aspectos sociais e não somente os espaços físicos –, por que existem limites para determinadas parcelas da sociedade? A lógica seria utilizarmos a definição de democracia (*demos* = povo e *kratos* = poder) e darmos voz a todos, porém não é o que acontece na prática e, com isso, já entendemos não haver um processo democrático efetivo.

Nós, e aqui me refiro aos homens, temos a característica de, muitas vezes, estudarmos os direitos das mulheres somente pelo âmbito das leis, buscando as lutas femininas que resultaram em conquistas sociais, como o direito ao voto, estabelecido pela Constituição Federal em 1932; a criação do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), em 1985; a Lei Maria da Penha, criada em 2006 para proteger as vítimas de violência doméstica; e, mais recentemente, a Lei do Feminicídio, sancionada em 2015, a qual colocou o homicídio de mulheres como crime hediondo.

Porém, gostaria de fazer uma reflexão histórico-filosófica que cerca essa temática de forma mais antiga, trazendo à baila o antropólogo estadunidense Lewis Morgan, que fez uma pesquisa de campo, publicada em 1877, com uma tribo nativa que vivia no entorno dos Grandes Lagos, nos EUA.

O estudo mostrou que as sociedades primitivas eram matriarcais, ou seja, era a figura feminina que definia quem entrava e habitava na comunidade, organizando os espaços como núcleo familiar. Entretanto, ao longo do tempo – e temos que compreender que nem sempre a história constrói uma evolução positiva – essas sociedades mudaram. Aqueles que vinham de outras regiões começaram a retirar desses núcleos familiares o poder das decisões, o que fez com que as mulheres ficassem limitadas a seus lares, responsáveis apenas pelos afazeres internos, enquanto os homens passaram a comandar o sustento, obrigando-as a servi-los.

A pesquisa utilizada como exemplo deve nos fazer refletir que a sociedade na qual vivemos foi construída a partir dos interesses masculinos, isto é, o homem passou a gerir a maioria dos aspectos da vida cotidiana. Agora, cabe a nós entender a importância de questionar a herança cultural existente na nossa sociedade para buscar uma ocupação efetivamente democrática dos espaços públicos.

Além dessas assimetrias, originárias de representações historicamente construídas, existem outras situações que merecem atenção e cuidado quando se analisa a presença das mulheres no futebol. Uma delas é a sua subvalorização como uma possível profissão, e a outra faz referência ao modo como frequentemente a mídia erotiza seus corpos, destacando os atributos estéticos (ou a ausência deles) e não suas qualidades técnicas e seus méritos esportivos.

No entanto, cabe destacar que, apesar dessas desigualdades, as mulheres se apropriaram do futebol há muito tempo: vão aos estádios, assistem a campeonatos, jogam, treinam, narram partidas, fazem comentários, produzem e divulgam notícias, arbitram jogos, são técnicas, compõem equipes dirigentes, enfim, participam do contexto futebolístico. Visibilizar e reconhecer essa participação é necessário para que não deixemos esmorecer o sonho e o desejo de muitas meninas e mulheres que identificam no futebol um modo de afirmação, de empoderamento e de liberdade. A visibilidade que as mulheres tiveram durante a realização da Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2019 foi representativa e talvez esse tenha sido o maior legado do torneio, pois, com ele, aprendemos que o futebol, representado como uma paixão nacional, é um esporte dos homens e das mulheres!

Silvana Vilodre Goellner é licenciada em Educação Física, doutora em Educação e pós-doutora em Desportos. Atualmente, é professora titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e curadora das exposições *Visibilidade para o futebol feminino* e *Contra-ataque: as mulheres do futebol*, ambas realizadas no Museu do Futebol (São Paulo).



Arquivo Pessoal/ Silvana Vilodre Goellner

HA BILI DA DES

O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) estabelece competências e habilidades norteadoras do estudo dos conteúdos exigidos para o Ensino Médio. Por meio do texto “Mulheres no ataque: um panorama histórico do futebol feminino no Brasil”, foram trabalhadas, principalmente, as seguintes competência e habilidade da área de Ciências Humanas e suas Tecnologias:

C5 – Utilizar os conhecimentos históricos para compreender e valorizar os fundamentos da cidadania e da democracia, favorecendo uma atuação consciente do indivíduo na sociedade.

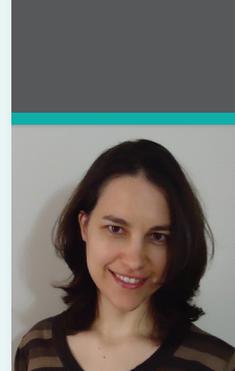
H22 – Analisar as lutas sociais e conquistas obtidas no que se refere às mudanças nas legislações ou nas políticas públicas.

CARREIRA: Estatística

Considerada a melhor profissão dos Estados Unidos em 2017, a carreira de Estatística é também uma das mais promissoras do Brasil. O profissional dessa área tem como principais atribuições a coleta, análise e interpretação de dados e pode atuar muito além da área de Ciências Exatas: hoje, a Estatística percorre todos os setores, como instituições sociais, indústria, agricultura e esporte. A partir da criação de bancos de dados, é possível prever resultados, remanejar investimentos e traçar estratégias para vencer a concorrência. Além disso, o estatístico costuma ser um dos profissionais mais bem remunerados do mercado.

ENTREVISTADA | Florencia Leonardi

Professora do Departamento de Estatística do Instituto de Matemática e Estatística da Universidade de São Paulo, na capital, leciona cursos de Probabilidade e Estatística para alunos de diferentes áreas. Realiza trabalhos de pesquisa e atua na pós-graduação em Estatística, em que orienta alunos de iniciação científica, mestrado e doutorado. É bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq e, em 2013, recebeu o Prêmio “Para Mulheres na Ciência”, na área de Matemática, organizado pela empresa L’Oréal, em parceria com a UNESCO e a Academia Brasileira de Ciências.



Arquivo pessoal/Florencia Leonardi

Equipe *Leia Agora*: Quais são os objetivos do curso de Estatística?

O objetivo do curso de Estatística é formar profissionais capazes de analisar dados de forma crítica, isto é, entender os processos e as limitações das técnicas de análise de dados, e não simplesmente utilizar pacotes computacionais ou ferramentas já prontas. O estatístico pode estar envolvido desde o planejamento de uma pesquisa ou da coleta de dados até a tomada de decisões baseada nas análises, bem como em pesquisa científica, ao desenvolver novas metodologias. A área de Estatística está em constante evolução, já que novos desafios de apuração de dados aparecem todos os dias e em diferentes áreas de aplicação. Os objetivos do candidato podem ser diversos: atuar na área médica ou farmacêutica, ajudando no desenvolvimento de novos medicamentos ou técnicas; ingressar no setor financeiro, analisando dados econômicos ou perfis de clientes; e até trabalhar com esportes. Mesmo que a Estatística tenha uma longa história, ela também apresenta um papel fundamental em novas tendências de aplicação que vemos e sobre as quais ouvimos a mídia falar hoje em dia, como inteligência artificial, aprendizagem de máquina e ciência de dados. Basicamente, qualquer máquina “inteligente” (palavra que eu não gosto muito de usar nesse contexto) utiliza, em grande parte, métodos estatísticos ou relacionados a eles – por exemplo, carros autônomos e métodos de reconhecimento facial. Desse modo, afirmamos que os estatísticos são profissionais muito bem formados para os desafios que enfrentamos na atualidade.

Equipe *LA*: Quais são as principais disciplinas dessa graduação? Em que ela se difere do curso de Matemática?

A carreira de Estatística tem uma base matemática importante, porque é ela que oferece as ferramentas para desenvolver métodos formais de análises de dados. No entanto, essa ciência se diferencia da

carreira de Matemática, sobretudo na grade curricular dos últimos anos, porque é mais focada em métodos estatísticos propriamente ditos. No caso do bacharelado em Estatística do IME-USP, por exemplo, o estudante pode escolher disciplinas entre uma oferta importante de matérias optativas, inclusive de outras áreas, como Biologia, Economia, Psicologia, Astronomia etc. Por natureza, a Estatística é uma carreira multidisciplinar, que pode ser aplicada praticamente a qualquer outra área que tenha a possibilidade de gerar dados, portanto o estudante poderia se especializar em qualquer área de aplicação ou seguir um caminho mais teórico, desenvolvendo pesquisas. Além disso, com as atuais possibilidades de obter dados de grande dimensão, cada vez mais os estatísticos precisam também de conhecimentos computacionais. Existem disciplinas de computação nos primeiros anos da carreira, e há uma tendência, eu diria que mundial, de que os estatísticos tenham mais conhecimentos sobre computação para fazer frente aos desafios que surgem.



Motion Films/Shutterstock.com

Na área da saúde, a Estatística auxilia em diversas atividades, como pesquisas de laboratório, levantamento de dados para lançamento de medicamentos, análise de riscos de cirurgias e epidemiologia.

Equipe *LA*: O estágio é obrigatório? Qual é a importância dessa fase para a formação de um estatístico?

Não há estágio obrigatório. No IME-USP, por exemplo, os alunos do último ano fazem duas disciplinas em que colocam em prática os conteúdos aprendidos no curso,

fazendo análises estatísticas de dados de outros grupos de pesquisa, das outras unidades da USP ou de setores externos. É uma espécie de trabalho de conclusão de curso, em que se escreve um relatório sobre a análise estatística realizada e os resultados obtidos.

Equipe LA: Existe alguma área de atuação mais promissora para um estatístico? Há muita concorrência?

Nos últimos anos, tem aumentado a procura por graduados em Estatística, e a quantidade de formados na área não supre a demanda do mercado de trabalho. Então, realmente é uma carreira muito promissora e, na minha opinião, continuará sendo assim por muito tempo. As áreas de atuação são muito amplas e, como disse antes, qualquer uma delas que produza dados precisará de um estatístico para analisá-los. Talvez a maior procura hoje em dia no Brasil esteja no setor financeiro, mas, cada vez mais, as empresas estão percebendo que o conhecimento adquirido a partir dos dados é fundamental para a tomada de decisão em toda atividade.

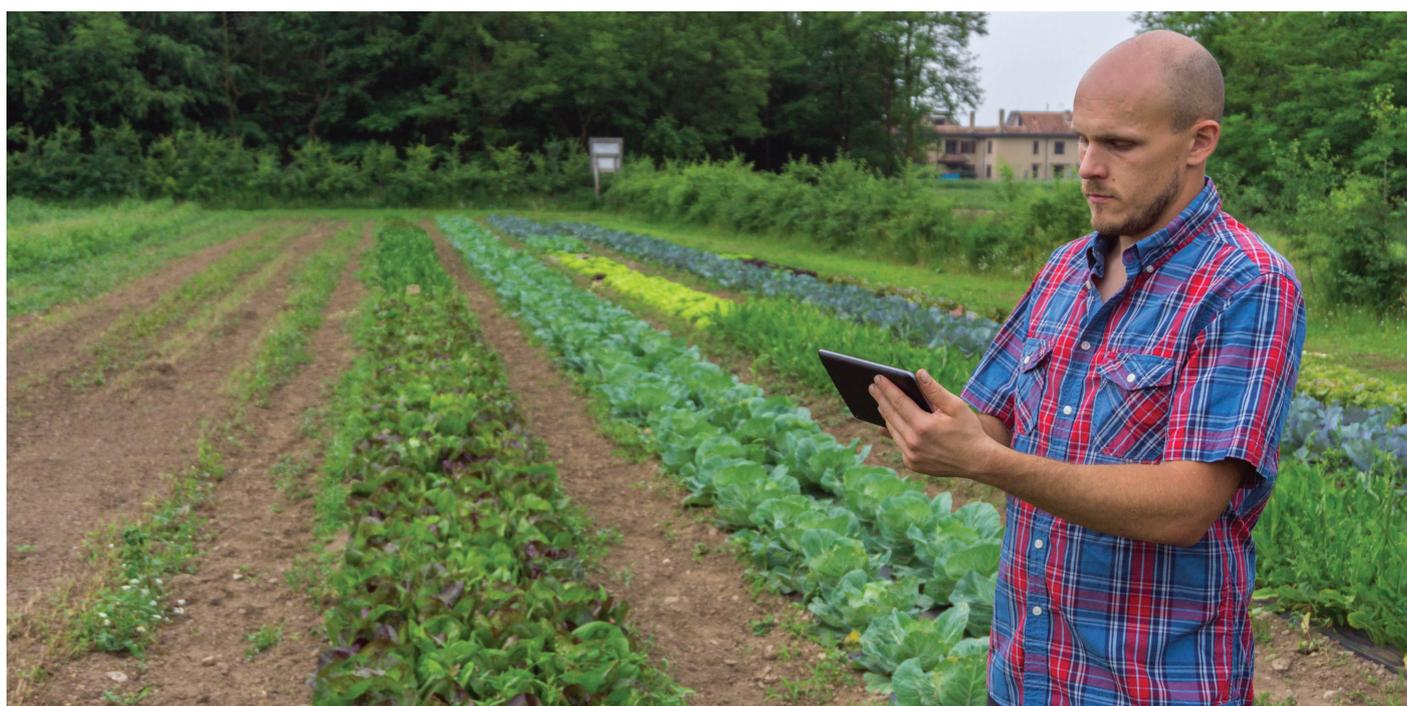
Equipe LA: Como é o dia a dia de um profissional de Estatística?

De forma geral, eu diria que o estatístico é um profissional que vai trabalhar em equipe e precisa ter habilidades de comunicação, bem como capacidade para ouvir e comunicar métodos ou resultados. O ambiente de trabalho dependerá um pouco da área

de atuação, pois ele poderá trabalhar em um hospital, em um banco, em uma empresa de qualquer ramo ou em uma universidade, só para citar alguns exemplos. Contudo, eu diria que para ser um bom estatístico, o profissional precisará ter abertura para se envolver na área em que atua e entender os objetivos fundamentais do seu trabalho; ele não é somente um técnico que aplica ferramentas pré-estabelecidas ou um engenheiro que as constrói.

Equipe LA: Em 2017, segundo uma pesquisa do site CareerCast, a profissão de estatístico foi apontada como a melhor dos Estados Unidos, devido a seus altos salários, baixo nível de estresse e grande índice de satisfação dos profissionais. No Brasil, essas características se mantêm? Por quê?

Sim, acho que essa é uma tendência mundial dos últimos anos e que ainda permanece. No mundo, há uma procura muito grande por profissionais capazes de analisar e interpretar dados, e as técnicas estatísticas estão entre as mais utilizadas na prática. Além disso, a área vem sofrendo uma transformação devido ao tipo de dados que precisam ser analisados hoje em dia e que, muitas vezes, não entram na teoria clássica. Portanto, a Estatística está em constante renovação. Além disso, os estatísticos são profissionais com uma boa formação teórica, que se adaptam a novas tendências. As empresas, em geral, também reconhecem essa capacidade e procuram por esses profissionais com formação sólida.



Fabbio7/Shutterstock.com

A Estatística também é utilizada no agronegócio, a fim de analisar dados como a produtividade da lavoura e o índice de ataque de pragas.

Equipe LA: Qual é a participação feminina no mercado de Estatística? Há uma preferência delas (ou por elas) em alguma área?

A minha impressão é de que a área de Estatística, em geral Estatística aplicada, não tem um viés importante em relação a gênero. Nos congressos ou mesmo no mercado de trabalho, há muitas mulheres se destacando, e eu não poderia afirmar que somos uma minoria. Porém, isso não acontece da mesma forma nas demais carreiras das Ciências Exatas, em que, sim, há uma porcentagem menor de mulheres do que de homens. Cada vez mais, há uma divulgação maior da participação das mulheres nessas áreas, e isso deve aumentar a procura delas por essas carreiras.

Equipe LA: Quais são as áreas ou setores mais inusitados em que um estatístico pode atuar?

Talvez a imagem do estatístico esteja associada a um profissional que atua, principalmente, fazendo pesquisas de opinião, como as de intenção de voto que são divulgadas nos jornais nos anos de eleição; mas, hoje em dia, o estatístico atua nas mais variadas áreas. Com a chegada da internet, a grande porcentagem da população e a mudança de hábitos (e de consumo) que isso trouxe para a sociedade, os dados gerados na web por nós mesmos fazem com que o estatístico esteja por trás dos mais variados objetivos, por exemplo, na criação de sistemas de recomendação de produtos para consumo; na análise de imagens de todo tipo, como reconhecimento facial ou imagens astronômicas; na tradução automática de textos, entre outros.

Equipe LA: Como um estatístico pode trabalhar no setor de esportes?

No setor de esportes, o estatístico pode, primeiramente, projetar quais variáveis podem ser importantes para modelar a dinâmica de um jogo e prever resultados. Também é possível coletar esses dados, desenvolver um modelo preditivo e validá-lo com base nos dados obtidos. Além do jogo, também podem ser analisados os jogadores de forma individual, a fim de conhecer suas potencialidades e dificuldades. Isso pode auxiliar o treinamento dos esportistas e melhorar o rendimento deles.

Equipe LA: De que forma um profissional de Estatística pode contribuir para a vitória de um time, em determinado campeonato?

As análises estatísticas podem ajudar um time a apontar, por exemplo, quais são as deficiências em relação às outras equipes, por meio das análises de variáveis relevantes, o que pode ser feito em relação ao nível individual dos jogadores ou ao nível de equipe. Também podem ser analisados os dados dos times adversários, para desenvolver uma estratégia de jogo. Pensemos, por exemplo, no futebol em uma definição por pênaltis: os estatísticos poderiam analisar os goleiros contrários e tentar encontrar padrões de como eles defendem o gol para orientar os atacantes do time em uma possível situação dessas. Essa mesma lógica pode ser aplicada a outras variáveis e dinâmicas do jogo.



Nos esportes, o profissional de Estatística é fundamental para aprimorar os resultados de um time, contratar novos jogadores e traçar estratégias.

Equipe LA: Você recomendaria a profissão? Por quais motivos?

Sim, certamente eu recomendaria essa profissão aos jovens que estão decidindo uma carreira. Se pensarmos somente nas possibilidades de emprego, tanto no setor público quanto no privado, hoje o Brasil não consegue formar o número de estatísticos necessário para suprir a demanda da sociedade e, por isso, não é difícil para um estatístico entrar no mercado de trabalho, mesmo recém-formado. Além disso, eu gosto muito dessa área porque ela permite utilizar o formalismo matemático junto a dados reais para pensar em objetivos e ferramentas que possam ser úteis para a sociedade em qualquer setor de aplicação.

Sexismo no esporte: uma disputa contra estereótipos e preconceitos

Por Bruno Freitas

Você sabe o que é sexismo? Esse conceito se refere a um ato de discriminação ou de objetificação sexual, isto é, quando alguma pessoa ou grupo é reduzido a determinada condição, fundamentada apenas no gênero e em conceitos preestabelecidos. É preciso dizer que, quando falamos sobre esse assunto, geralmente o associamos ao machismo. Contudo, esse gesto também pode ser percebido em atos preconceituosos contra homossexuais, travestis, transgêneros e outras formas de identidade sexual.

Vamos pensar nessa realidade tendo como referência o esporte: existem julgamentos contra as mulheres que entram em campo para defender as seleções de futebol do mundo afora e também há discriminação contra os homens que se dedicam à ginástica artística, por exemplo – além de outros casos em modalidades variadas. Nessas situações, os atletas enfrentam diversos tipos de preconceitos, como violência física, xingamentos, brincadeiras e piadas de mal gosto.

A presença de mulheres no boxe, no judô e no basquete também é alvo de ações discriminatórias, as quais são reforçadas pela ideia que ainda existe de que os homens possuem mais força e resistência do que elas, aspectos ligados apenas às características físicas. Para se ter uma ideia, foi apenas na edição dos Jogos Olímpicos de 2012, realizada em Londres, que a categoria feminina esteve presente em todas as modalidades esportivas, ainda que as mulheres fossem a minoria dos atletas – representavam 44% do total de competidores, passando para 45% em 2016, quando o evento aconteceu no Rio de Janeiro.

Atualmente, o que notamos também é um movimento por parte dos homens que se dedicam a alguns esportes

marcados pela soberania feminina, como a ginástica rítmica e o nado sincronizado, de lutar pelo direito de participar das principais competições.

Uma ideia discutida para quebrar essas barreiras entre os gêneros, colocando homens e mulheres em um mesmo patamar, é incluir nas Olimpíadas disputas com duetos mistos, ou seja, uma dupla formada por um representante de cada sexo. Todavia, não será na edição de 2020 (Tóquio) que veremos esse movimento; a expectativa dos representantes dessas categorias é que a edição de 2024 (Paris) possa trazer novidades em relação a isso, dependendo apenas de um aval do comitê responsável pelo evento.

Importante considerar que, muitas vezes, o sexismo no esporte também é reforçado pela cobertura midiática. Durante a transmissão do jogo entre Austrália e Itália, realizado na Copa do Mundo de Futebol Feminino deste ano, por um canal pago, as jogadoras tiveram as suas competências técnicas associadas à beleza e à feminilidade. É claro que, em tempos de mídias sociais, esses fatos não passaram despercebidos e geraram críticas e mal-estar.

Essas manifestações sexistas presentes no esporte reforçam raízes sociais, culturais e políticas que nos cercam e, mesmo que mulheres e homens tenham conquistado espaço em diferentes modalidades esportivas, ainda temos um grande caminho a percorrer para vencer certas barreiras. Ademais, precisamos lembrar que, todos os dias, esportistas de diversas classes sociais e regiões enfrentam suas lutas contra preconceitos e estereótipos, buscando o reconhecimento e o direito básico de praticar e competir em diferentes modalidades.

Mosaico Cultural

DESAFIOS GRANDES, CONQUISTAS AINDA MAIORES

Em um cenário de restrições e julgamentos, atletas brasileiras fizeram história na luta pelo reconhecimento

As muitas dificuldades enfrentadas pelas mulheres para garantir igualdade de direitos no esporte já foram retratadas em uma infinidade de documentários. Mas a lista também traz vitórias conquistadas com maestria. A seguir, alguns exemplos.

O documentário *Minas do futebol* (2018), dirigido por Yugo Hattori, mostra a história de muita garra das jogadoras mirins que venceram um campeonato contra times masculinos. O Centro Olímpico de São Paulo prepara pré-adolescentes para inúmeras modalidades esportivas. O campeonato de futebol mais expressivo para jogadores sub14 (com idade até 13 anos) é a Copa Moleque Travesso, que só tem participação de equipes masculinas. Em 2016, a coordenação de futebol feminino do Centro Olímpico aprovou a inclusão de um time de meninas no campeonato. O resultado foi surpreendente: elas ganharam a Copa, vencendo o time do São Paulo pelo placar de 3 x 0 na final. A experiência confirmou que o futebol feminino tem muito potencial desde a base, mas também revelou uma carga grande de preconceito, uma vez que os pais dos meninos reclamaram do resultado com a coordenação e ficaram bravos com os próprios filhos – uma polêmica que apareceu em toda a imprensa na época.

Nas competições profissionais, uma marcante história do esporte feminino teve a esportista de atletismo Aída dos Santos como protagonista. Ela foi a única mulher da delegação brasileira que participou das Olimpíadas de 1964, em Tóquio, onde ficou em quarto lugar na modalidade salto em altura. Aída não ganhou medalha, mas essa classificação foi importante se considerarmos as condições precárias que a atleta teve para participar do evento: ela viajou sem técnico e sequer tinha material para competir, tendo usado um par de tênis emprestado. Sua força de vontade, no entanto, a tornou a primeira mulher brasileira a disputar uma final olímpica. O média-metragem *Aída dos Santos, uma mulher de garra* (2012), dos diretores André Puppo e Ricardo Quintela, conta a trajetória da esportista.

Outro documentário relevante sobre a participação feminina nos esportes é o *Mulheres Olímpicas* (2013), dirigido por Laís Bodanzky, em que atletas mulheres, de diferentes modalidades, relatam as dificuldades que enfrentaram na arena e a persistência que as levou a conquistar medalhas em Jogos Olímpicos. Entre as entrevistadas estão Ana Moser, Daiane dos Santos, Hortência, Jacqueline Silva, Magic Paula, Yane Marques.

INFO: Os documentários estão disponíveis nos seguintes links:
Minas do Futebol: <www.youtube.com/watch?v=9gNsVINFXRU>.
Aída dos Santos, uma mulher de garra: <<http://tvbrasil.ebc.com.br/memoriadoesporteolimpicobrasileiro/episodio/aida-dos-santos-uma-mulher-de-garra>>.
Mulheres Olímpicas: <www.espn.com.br/video/583320_mulheres-olimpicas-assista-ao-documentario-na-integra>.

• A G E N D A •

MOSTRA

Contra-Ataque! As Mulheres do Futebol

➔ Até 20 de outubro

ONDE: Museu do Futebol, em São Paulo.

A exposição temporária celebra as mulheres no futebol, com vídeos, fotografias e objetos do acervo pessoal das atletas. Há também quadros que explicam a fase da história do Brasil na qual o futebol era proibido para mulheres. A atleta Marta, única a ganhar seis títulos de melhor jogadora de futebol do mundo, é um dos destaques da exposição.

INFO: <www.museudofutebol.org.br>.

DOCUMENTAÇÃO

Museu do impedimento

➔ Permanente

ONDE: Internet.

A plataforma Google Arts & Culture lançou o Museu do impedimento, um *site* que reúne histórias de opressão sobre mulheres que queriam jogar futebol, de punições sofridas por elas e de suas conquistas. Destaque para o time feminino da Polícia Militar, instituição que coibia o futebol feminino. O *site* recebe contribuições de internautas.

INFO: <www.museudoimpedimento.com>.

ACERVO

Fla Memória

➔ Permanente

ONDE: Rio de Janeiro.

A exposição interativa do Flamengo conta a história do clube, fundado em 1895, com imagens e áudios históricos. Uma linha do tempo mostra os fatos mais marcantes do time. Os visitantes conhecem os troféus e um autêntico vestiário de 1981.

INFO: <www.flamengo.com.br/gavea/flamemoria>.

FEIRA

Bienal Internacional do Livro

➔ De 30 de agosto a 08 de setembro

ONDE: Rio de Janeiro.

A 19ª edição da Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro está cheia de novidades, e a principal delas é que o evento deste ano terá cinco mulheres na curadoria dos espaços culturais. Rosane Svartman, Manya Millen, Martha Ribas, Carolina Sanches e Rona Ranning serão as responsáveis pela programação jovem, Café Literário e Fórum de Educação. O evento tem o objetivo de integrar o público, os autores e as editoras, fomentando a leitura e o intercâmbio de ideias.

INFO: <www.bienaldolivro.com.br>.

#FICADICA



CAPUCIM, Giovana. *Mulheres impedidas: A proibição do futebol feminino na imprensa de São Paulo*. São Paulo: Multifoco, 2017.

A autora pesquisou reportagens de jornais importantes para entender como a proibição do futebol feminino não foi eficaz para impedir que atletas mulheres participassem de campeonatos, mesmo com a prisão de algumas delas. Nos campinhos ou em eventos beneficentes, elas mostraram muita garra, que só foi reconhecida a partir de 1979, quando a proibição, iniciada em 1941, foi, enfim, revogada.



Eu, Jogadora.

Direção: Edson de Lima, Cristiano Fukuyama e Luiz Nascimento, 2017. Documentário sobre futebol feminino

que mostra como é o esporte atualmente e o que precisa ser melhorado a médio prazo. O relato acontece sob a ótica da primeira mulher técnica da seleção brasileira de futebol feminino, atletas olímpicas e revelações da modalidade.

Acesse: <www.youtube.com/watch?v=ggv8l6p6500>.



Uma Equipe Muito Especial (A League of Their Own).

Direção: Penny Marshall, 1992.

A diretora conduz um filme cuja história é ficção, mas baseada na Liga Americana de Beisebol Profissional Totalmente Feminino, que existiu de verdade entre 1943 e 1954, para suprir o entretenimento da população quando todos os jogadores estavam lutando na Segunda Guerra. O time abordado no filme é justamente o mais famoso da época, o Rockford Peaches. O elenco traz Geena Davis, Rosie O'Donnell e a *superstar* Madonna.



Driblando o Destino (Bend It Like Beckham).

Direção: Gurinder Chadha, 2002.

O filme retrata a jornada da garota indiana Jesminder (Parminder Nagra), que adora futebol, mas, por questões culturais, é proibida de jogar. Ela mora em Londres e quer ser uma jogadora profissional, como seu ídolo, David Beckham. Contudo, é pressionada pela família a seguir a tradição de se casar e ser uma dona de casa. Muitos conflitos surgirão na família por conta dessa situação.